

## CAPÍTULO LXVII<sup>1</sup>

### A casinha

Jantei e fui a casa. Lá achei uma caixa de charutos, que me mandara o Lobo Neves,<sup>2</sup> embrulhada em papel de seda, e ornada de fitinhas cor-de-rosa. Entendi, abri-a,<sup>3</sup> e tirei este bilhete:

“Meu B...

Desconfiam de nós; tudo está perdido; esqueça-me para sempre. Não nos veremos mais. Adeus; esqueça-se da infeliz<sup>4</sup>

V...a.”<sup>5</sup>

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri à casa de Virgília. Era tempo; estava arrependida. Ao vão de uma janela, contou-me o que se passara com a baronesa. A baronesa disse-lhe francamente que se falara muito, no teatro, na noite anterior, a propósito da minha ausência do camarote do Lobo Neves; tinham comentado as minhas relações na casa; em suma, éramos objeto da suspeita pública. Concluiu dizendo que não sabia que fazer.

– O melhor é fugirmos, insinuei.<sup>6</sup>

– Nunca, respondeu ela abanando a cabeça.

Vi que era impossível separar duas cousas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens,<sup>7</sup> e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções daqueles dous dias eram já muitas, e o despeito morreu depressa. Vá lá; arranjemos a casinha.

Com efeito, achei-a, dias depois, expressamente feita, em um recanto da Gamboa. Um brinco! Nova, caiada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado, – todas com venezianas cor de tijolo, – trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão. Um brinco!

Convencionamos que iria morar ali uma mulher, conhecida de Virgília, em cuja casa fora costureira e agregada. Virgília exercia sobre ela verdadeira fascinação. Não se lhe diria tudo; ela aceitaria facilmente o resto.

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO LXVII] CAPÍTULO LXVIII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> o Lobo Neves,] o Lobo Naves, – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

<sup>3</sup> abri-a,] abri a caixa, – em MPBC1-1880.

<sup>4</sup> infeliz] infeliz. – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

<sup>5</sup> V...a.”] “V...a” – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>6</sup> insinuei.] insinue. (com o espaço do “i” preservado) – em MPBC2-1881.

<sup>7</sup> vantagens,] vantagens; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

Para mim era aquilo uma situação nova do nosso amor, uma aparência de posse exclusiva, de domínio absoluto, alguma coisa que me faria adormecer a consciência e resguardar o decoro. Já estava cansado das cortinas do outro, das cadeiras, do tapete, do canapé, de todas essas coisas, que me traziam aos olhos constantemente a nossa duplicidade. Agora podia evitar os jantares frequentes, o chá de todas as noites, enfim a presença do filho deles, meu cúmplice e meu inimigo. A casa resgatava-me tudo; o mundo vulgar terminaria à porta; – dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excepcional, nosso, somente nosso, sem leis, sem instituições, sem baronesas, sem olheiros, sem escutas, – um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma só afeição, – a unidade moral de todas as coisas pela exclusão das que me eram contrárias.